

PARKOUR E EDUCAÇÃO FÍSICA: vivenciando a modalidade num torneio interclasse.

BARBOSA, Brunna Fernanda da Rocha¹
PEREIRA, Wallace Sousa²
SOUZA, Luiz Henrick Muniz³
FERREIRA, Kayo Guilherme Ferreira⁴
SILVA, Anamarília Viana⁵

RESUMO: O presente estudo trata de um relato de experiência realizado no Programa de Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), subprojeto Educação Física, da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), em relação à vivência do Parkour como modalidade esportiva no interclasse, tendo como objetivo relatar a forma em que a inserção da modalidade foi planejada e sugerida como uma das modalidades do torneio. A proposta foi aplicada em seis turmas do ensino fundamental (anos finais), sendo três do 8º ano e três do 9º ano, de uma escola municipal de São Luís, Maranhão (MA), com aulas teóricas e práticas do conteúdo Práticas Corporais de Aventura (PCA's), finalizando com a vivência no torneio, com a modalidade Parkour *Speed*, montada em seis estações. Observamos que o Parkour foi um conteúdo que despertou muita curiosidade entre os estudantes durante as aulas na escola, pois caracterizou-se como uma prática inédita para eles lidarem com situações de risco controlado. Nesse sentido, a inclusão da modalidade no torneio e a participação significativa dos estudantes na competição demonstrou que é possível trabalharmos as PCA's com segurança e adaptando à realidade local.

PALAVRAS-CHAVE: Parkour, Educação Física, Escola, Torneio.

1 INTRODUÇÃO

A prática de atividades de aventura já é uma realidade nos dias de hoje e está cada vez mais comum vermos pessoas fazendo atividades na natureza, seja em meio urbano ou rural. A partir da formulação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), as Práticas Corporais de Aventura (PCA's) tornaram-se conteúdo obrigatório da Educação Física na Educação Básica. Nesse sentido, podemos

¹ Graduanda de Licenciatura em Educação Física, Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, UFMA, São Luís, brunna.frb@discente.ufma.br.

² Graduando de Licenciatura em Educação Física, Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, UFMA, São Luís, wallace.sousa@discente.ufma.br.

³ Graduando de Licenciatura em Educação Física, Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, UFMA, São Luís, henrick.luiz@discente.ufma.br.

⁴ Graduando de Licenciatura em Educação Física, Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, UFMA, São Luís, kgf.ferreira@discente.ufma.br.

⁵ Mestranda em Educação pelo PPGE/UFMA, Licenciada em Educação Física pela UFMA, professora de Educação Física da Rede Municipal de Educação de São Luís-MA; Supervisora PIBID, UFMA, São Luís, anamarilia.vs@gmail.com.

compreender que essas atividades devem estar inseridas no contexto escolar, possibilitando novos desafios e diversificação de conteúdo.

O presente trabalho é um relato de experiência sobre a possibilidade da inclusão do Parkour como modalidade integrante de um torneio interclasse numa escola municipal de São Luís - MA. A escolha da modalidade ocorreu a partir do grande envolvimento dos estudantes com o conteúdo durante o bimestre, onde estavam sendo trabalhadas as Práticas Corporais de Aventura (PCA). O Parkour, criado em 1980 por David Belle, é uma atividade que exige muita ação e concentração. Tem como significado “percurso” e objetiva a ultrapassagem de obstáculos, estando inserido na classificação de “esportes radicais”, podendo encontrar alguns riscos e perigos durante a sua prática, como: quedas, entorses e arranhões além de alguns sentimentos como o medo, aflição e nervosismo. Assim, pelas características que o Parkour apresenta, acaba sendo um conteúdo escolar desafiador, uma vez que o medo e a falta de estrutura podem dificultar o trabalho com os estudantes. Para isso deve-se identificar o perigo para controlar o risco e assim obter realização segura (SEVERINO; PEREIRA; SANTOS, 2016, p. 118).

Assim, no decorrer do texto será discutido sobre Práticas Corporais de Aventura, como conteúdo da Educação Física em uma escola municipal, frisando a modalidade Parkour como bem recebida pelos alunos e conseqüentemente sugerida como integrante do interclasse que aconteceu entre as turmas do 8º e 9º ano da escola em questão, como forma de afirmar que é possível serem adicionadas novas modalidades nos jogos escolares, que por vezes são muito solicitados pelos alunos. Logo, o objetivo deste trabalho é relatar a forma em que a inserção da modalidade Parkour foi planejada e sugerida como uma das modalidades do interclasse.

2 METODOLOGIA

A ideia de colocarmos o Parkour como modalidade dentro do torneio da escola surgiu no decorrer do quarto bimestre, onde estávamos trabalhando o conteúdo Práticas Corporais de Aventura nas três turmas do 8º e três turmas do 9º ano.

Para essa temática foi organizada aula teórico-prática com cada turma sobre a modalidade. Na aula expositiva foi discutido sobre o conceito, a história, as

características, os benefícios da prática, as modalidades, os principais movimentos, o Parkour no Brasil e os locais possíveis de se praticar em São Luís, como forma de aproximar a prática à realidade em que a escola está inserida. Em seguida, proporcionamos um pequeno circuito na escola para a vivência dos principais movimentos do Parkour. Além disso, ao observarmos comportamentos agressivos e de difícil convivência com os colegas de turma e com o corpo docente da escola, durante reuniões de planejamento, pensamos em abordar esse conteúdo atrelando-o às emoções, apresentando assim, o Parkour como uma possibilidade de superar não só os obstáculos físicos, como também os medos, as limitações e a vergonha.

No decorrer das aulas, observamos boa participação e interesse dos alunos pela modalidade, o que nos levou a pensar sobre a inserção do Parkour *Speed* como uma das modalidades do interclasse. Assim, no torneio, o circuito foi separado em seis estações, onde cada estação continha obstáculos diferentes, nos quais trabalhavam os principais movimentos do Parkour, como ensinado durante as aulas. Foram feitos vários testes com os próprios “pibidianos” na montagem dos circuitos, onde levamos em consideração as questões de segurança e praticidade. Cada turma foi representada por uma dupla composta por um menino e uma menina, que tiveram que realizar o percurso no menor tempo possível. Ao final, foi levada em consideração a média dos dois tempos e venceu a dupla que obteve o menor tempo.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na Educação Física escolar, é sabido que muitos profissionais acabam optando em levar para os alunos somente os esportes coletivos e mais conhecidos e/ou praticados pelos alunos, sendo reproduzidas muitas vezes de forma descontextualizadas e esvaziadas de sentido (CAUPER, ROSA E INÁCIO, 2017). À vista disso, concordamos em abordar a temática Práticas Corporais de Aventura nas aulas de Educação Física, possibilitando assim, a inserção dos alunos em um ambiente no qual podem experimentar diversos sentimentos e emoções. Dentre as modalidades apresentadas, a que mais percebemos o envolvimento dos estudantes foi o Parkour, pois durante as aulas, foi observada a dedicação dos alunos ao experimentarem cada movimento, recebendo *feedbacks* positivos relacionados às emoções sentidas no decorrer das práticas.

Ao percebermos tais comportamentos dos estudantes durante as aulas, foi discutido durante as reuniões de planejamento sobre a possibilidade de inserir o Parkour como uma das modalidades do interclasse que seria realizado no final do ano letivo. Para Reverdito et al (2008), os jogos interclasses, inseridos na categoria de eventos coletivos, são eventos organizados e promovidos no âmbito escolar entre as turmas de uma mesma instituição de ensino, podendo conter diversas modalidades esportivas. Especificamente, na escola citada neste trabalho as modalidades presentes no interclasse foram futsal, queimada e Parkour. Sendo as duas primeiras modalidades escolhidas pelos próprios alunos, uma vez que já eram familiarizados com estas práticas e no decorrer do ano não foram vivenciadas como conteúdo e a última como sugestão da professora supervisora e dos “pibidianos”, já que havia sido um conteúdo trabalhado em aulas.

Numa realidade em que os estudantes apresentavam dificuldades de convívio com os colegas de turma e com o corpo docente da escola, percebemos que o torneio interclasse era algo muito desejado por eles, porque estavam sempre relembando que havia sido marcado para o final do ano letivo pela professora. Os eventos esportivos permitem momentos diversos aos estudantes, já que estão todos reunidos com o objetivo de representar sua turma e como um momento de confraternização do ano letivo que está findando. Para Revertido et al (2008), o objetivo da competição pedagógica na escola deve ser em torno de maximizar os aspectos positivos e minimizar os efeitos negativos.

O torneio é promovido pela professora de Educação Física no final do ano como forma de confraternizar com os estudantes. Reverdito et al (2008) defende a integração das competições ou eventos esportivos no programa curricular, como produto do Projeto Político-Pedagógico da escola, como um projeto contextualizado e referenciado pelo tema central da escola, possibilitando a abordagem por diferentes disciplinas e conteúdo. Entretanto, a escola não possui um Projeto Político Pedagógico e o evento não se torna da escola.

Sabendo que a referida escola deste é localizada em um bairro com altos índices de violência e criminalidade, então o incentivo à união, trabalho em equipe e outros, podem ser estimulados durante esses momentos de partilha com os amigos de turma. Em vista disso, acreditamos que tais comportamentos ocorriam porque as PCA's possibilitam aos seus praticantes, experiências que causam grande impacto

emocional, que dizem respeito às sensações nas quais os alunos vivenciam ao experimentarem tais práticas junto ao meio natural (TAHARA E CARNICELLI FILHO, 2013).

Durante a montagem do circuito para o interclasse, levamos em consideração alguns fatores como a disposição dos materiais e os mecanismos de segurança para os alunos durante a competição, de forma que fosse feito um circuito dinâmico e que cada participante pudesse vivenciar os principais movimentos da modalidade, que foram trabalhados durante as aulas na escola. Cabe ressaltar que, como a escola não conta com quadra poliesportiva, as aulas práticas de Educação Física ocorrem em um pequeno espaço aberto. As figuras 1 e 2 ilustram estes espaços.

Figura 1: Espaço para aulas práticas de Educação Física



Fonte: A autoria própria (2023)

Figura 2: Espaço para aulas práticas de Educação Física



Fonte: A autoria própria (2023)

Por conta disso, em ocasiões de eventos esportivos, os alunos precisam se deslocar para a quadra de outra instituição no mesmo bairro. Neste caso, o torneio foi realizado no Núcleo de Esportes da UFMA, onde utilizamos dois ginásios e uma quadra externa para a realização dos jogos. A garantia desse espaço foi muito relevante porque a maioria dos estudantes mora próximo à universidade, mas não conhece ou não se sente pertencente àquele local. Mostrar para eles o espaço em que somos formados (supervisora e “pibidianos”) e que futuramente eles podem estar lá foi muito significativo. A figura 3 mostra o circuito montado no ginásio, com as seis estações.

Figura 3: Disposição das estações do Parkour no interclasse



Fonte: Autoria própria (2023)

As estações envolviam subir e descer escadas, rolar sobre colchonetes, saltar sobre caixotes e barreiras, equilibrar-se sobre uma trave, aterrissar e saltar sobre uma pequena cama elástica para então concluir o percurso, saltando sobre um colchão, no menor tempo possível. Podemos perceber que os gestos motores realizados são conhecidos de outras práticas, como a ginástica, por exemplo, mas que no Parkour são trazidas de forma mais criativa e desafiadora (MOURA ET AL, 2018). Vale destacar que todo o percurso foi experimentado com antecedência pelos “pibidianos”, como forma de garantir que todas as estações eram de possível realização, além de colocarmos colchonetes e limitar as alturas de determinados equipamentos.

No dia do torneio, deparamo-nos com as mais variadas situações que nos chamaram atenção. Entre esses aspectos, a empolgação de muitos estudantes em experimentar todo o circuito, antes mesmo do momento da competição (figura 4). Outro aspecto importante foi que no momento da disputa do Parkour foi planejada uma pausa nas outras modalidades, com intuito de todos os presentes se concentrarem nas arquibancadas para apreciar e torcer para os seus colegas. O silêncio no ginásio durante o percurso de cada representante foi de grande importância para a concentração e realização de todas as estações e ainda, as palmas e torcida a cada vez que um integrante concluía o trajeto. Todo o corpo docente presente no local ficou encantado com a modalidade e com a participação e empenho dos estudantes durante a disputa, indo de encontro com a visão equivocada que a maioria possui dos discentes, considerados agitados e de difícil convívio.

Figura 4: Estudantes vivenciando o circuito de Parkour



Fonte: Autoria própria (2023)

Cabe ainda ressaltar que antes de iniciar a competição, um dos “pibidianos”, junto à equipe de arbitragem (composta por uma cronometrista, árbitro geral e dois mesários), mostrou a forma correta de realização da série e a ordem das estações, explicando o que eles não poderiam fazer (deixar de passar por alguma estação, por exemplo) e caso fizessem, seriam adicionados alguns segundos no tempo geral do percurso. Essa forma de organização objetivou que todos passassem pelas estações, considerando as limitações individuais de movimento e garantindo a segurança e conforto para a vivência.

Ao final do torneio, reunimos os estudantes para o momento das premiações, conforme ilustra a figura 5, em que novamente pudemos perceber comportamentos

diferentes aos de costume durante o ano letivo. Nesse momento, o grupo estava eufórico e curioso para descobrirem o campeão geral e receberem as devidas premiações. Vale destacar que a turma campeã geral foi a que durante o ano passou por diversas oscilações de comportamentos, por vezes repensada sua participação no torneio. Todavia, a união da turma para melhora da convivência na escola, a confecção dos uniformes, para torcida e apoio durante todas as modalidades foram aspectos que devem ter influenciado na vitória.

Figura 5: Alunos reunidos para premiação



Fonte: Autoria própria (2023)

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), prevê as Práticas Corporais de Aventuras (PCA's) como uma das unidades temáticas a serem trabalhadas na escola, que leva em consideração a prática em diferentes espaços como possibilidade de realização no ambiente escolar, ou no seu entorno (BRASIL, 2016), portanto, como diz em tal documento, esse conteúdo deve ser trabalhado de forma sistematizada. Dessa forma, ao utilizar o Parkour como uma das modalidades abordadas com os estudantes, pensamos na possibilidade de inseri-la no interclasse da escola, onde percebemos grande satisfação de todos os participantes.

O Parkour como modalidade do interclasse também objetivou fugir dos esportes de quadra, sempre presentes neste torneio e ressaltar sua importância

como modalidade, além de apresentar como forma de saber lidar com certas emoções tão presentes no cotidiano escolar dos estudantes. Tal prática teve grande aceitação por parte dos alunos e professores que ficaram maravilhados com o empenho e atenção dos participantes durante o percurso montado para a competição.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018. Disponível em: <Download da BNCC (mec.gov.br)> Acesso em 13 abr de 2024.

CAUPER, Dayse Camara; DUARTE, Letícia Vieira; DE DEUS INÁCIO, Humberto Luís. Práticas Corporais de Aventura na Educação Física escolar: relato de experiência de ensino do Parkour. In: Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e VII Congresso Internacional de Ciências do Esporte, 10., 2017, Goiânia. **Anais** [...] Goiânia: SOAC/CBCE, 2017. p. 1520-1522. Disponível em: <http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2017/7conice/paper/view/10116>. Acesso em: 19 fev. 2024.

SEVERINO, A. J.; PEREIRA, D. W.; SANTOS, V. S. F. Aventura e educação na Base Nacional Comum, **EccoS Revista Científica**, São Paulo, v. 41, p. 107-25, 2016. Disponível em: <https://uninove.emnuvens.com.br/eccos/article/view/6954>. Acesso em: 21 fev. 2024.

MOURA, D.L; SANTANA, M.A; XAVIER JUNIOR, J.F; SILVA, J.C.S; LIMA, J.M.G.; ARAÚJO, J.G.E; SOUSA, C.B. **Dialogando sobre o ensino da Educação Física: práticas corporais de aventura na escola**. Curitiba: CRV, 2018.

REVERDITO, Riller Silva et al. Competições escolares: reflexão e ação em pedagogia do esporte para fazer a diferença na escola. **Pensar a prática**, v. 11, n. 1, p. 37-45, 2008. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/1207>. Acesso em: 21 fev. 2024.

TAHARA, A. K.; CARNICELLI FILHO, S. A Presença de atividades de aventura nas aulas de Educação Física. **Arquivos de Ciências do Esporte**, Ilhéus, v. 1, n.1, p. 60-66. mar. 2012. Disponível em: <https://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/aces/article/view/245>. Acesso em: 21 fev. 2024.